

CAMPANHA DE DINAMIZAÇÃO DO MFA NO ESTORIL / 1975

De realizador não identificado

Montagem e som: não identificados no genérico / *Produção:* RTP (Rádio-Televisão Portuguesa) / *Cópia:* digital (transcrita do original em 16 mm), preto e branco, falada em português e legendada eletronicamente em inglês / *Duração:* 4 minutos / *Estreia:* RTP, 25 de maio de 1975 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Como explica José Filipe Costa no seu livro *O Cinema ao Poder!*, poucos dias depois do 25 de Abril, a Comissão de Cineastas Antifascistas que se criou dentro do Sindicato dos Trabalhadores do Cinema começou a organizar uma movida de renovação dos sistemas de financiamento, produção e difusão do cinema em Portugal. Entre muitas medidas, expostas em diferentes manifestos, a maioria acabou não se converter em nenhum tipo de política concreta. E “se muitas das reivindicações nunca saíram do papel, já a ideia que presidiu à formação de Grupos de Ação e Animação Cinematográfica teve alguma correspondência na ação das equipas de dinamização cultural criada pela chamada Quinta Divisão” (p. 40). A dita Quinta Divisão correspondia às Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do Movimento das Forças Armadas e o seu propósito era consciencializar politicamente as populações mais desfavorecidas (especialmente no interior do país, mas também nas periferias de Lisboa – como é o caso desta reportagem rodada entre as barracas do Bairro Fim do Mundo (hoje renomeado Bairro Novo do Pinhal, no Estoril) como uma forma de dar a entender ao “povo” a legitimidade do processo revolucionário. Como explica Filipe Costa, a proposta original do Sindicato consistia na constituição de um grupo formado por um realizador, um assistente de realização, um operador de imagem, outro de som, um assistente de imagem, um maquinista-iluminador e um oficial do MFA que percorreriam diferentes zonas do país apresentado “filmes cuja linguagem cinematográfica seja suscetível de larga audiência popular, mas de conteúdo criteriosamente escolhido”. A par da projeção, o grupo registaria as apresentações e as condições de vidas das pessoas. Naturalmente, a complexidade da proposta e as dificuldades de organização de tal empresa impossibilitariam que tal dinamização cultural pudesse acontecer pela via dos cineastas. Aí, o MFA compreendeu que as condições de produção destas campanhas dependiam, isso sim, da televisão pública (mais escorregada, mais dinâmica, mais organizada e mais flexível). Eis a razão da reportagem que agora se apresenta. Neste pequeno “filme” de quatro minutos – sem genérico de fim nem de início, porque provavelmente estaria integrado num telejornal ou noutro tipo de programação – começamos por ouvir um militar das Forças Armadas a perguntar: “Sabem o que é o socialismo?” Os rostos impassivos da multidão dão a resposta. A missão pedagógica é clara e a metáfora que um dos militares faz é de uma extraordinária argúcia: a revolução é como uma bicicleta, não pode andar para trás e caso não ande para a frente cai. Para tornar operacional estas ideias, o MFA achou que, entre as muitas possibilidades de sensibilização sociopolítica, o cinema podia ser, realmente, uma arma de transformação das consciências. Se o foi, não é certo. Mas, como as bicicletas, os filmes também não andam às arrecuas e se param, partem. Revolução, cinema e bicicletas, uma trindade de (co)movimento.

Ricardo Vieira Lisboa

SACCO E VANZETTI (Sacco e Vanzetti) / 1971

Um filme de GIULIANO MONTALDO

Realização: Giuliano Montaldo/ *Argumento:* Giuliano Montaldo, Fabrizio Onofri, Ottavio Jemma/ *Direção de Fotografia:* Silvano Ippoliti/ *Montagem:* Nino Baragli/ *Música:* Ennio Morricone. Balada de Sacco e Vanzetti, de e por Joan Baez/ *Direção Artística:* Aurelio Crugnola/ *Figurinos:* Enrico Sabbatini/ *Interpretação:* Gian Maria Volonté (Bartolomeo Vanzetti), Riccardo Cucciolla (Nicola Sacco), Cyril Cusack (Frederick Katzmann), Milo O'Shea (Fred

Moore), Geoffrey Kean (Juíz Webster Thayer), William Prince (William Thompson), Rosanna Fratello (Rosa Sacco), Claude Mann (Jornalista), Edward Jewesbury, Armenia Balducci.

Produção: Arrigo Colombo, Giorgio Papi/ *Cópia* da CINEMATECA PORTUGUESA, em 35mm, preto e branco e cor, versão original legendada em português / *Duração:* 119 minutos/ Estreia em Portugal: Roxy, em 16 de julho de 1974 / Primeira (e única) apresentação na Cinemateca: 29 de setembro de 1993.

O caso Sacco e Vanzetti, que somente nos anos 80 (muito depois do filme de Giuliano Montaldo) um tribunal americano reconheceu tratar-se de um erro judiciário, só pode ser entendido e enquadrado dentro do seu tempo. De certo modo ele apresenta algumas semelhanças com o do casal Rosenberg, também electrocutado no começo da década de 50, embora neste caso as bases da acusação (espionagem) tenham tido provas a apoiá-la. Mas à margem deste pormenor técnico, ambos os casos resultam do clima de histeria que se vivia nas respectivas épocas, procurando o poder fazer deles exemplos de repressão e de força contra as alegadas "ameaças" internas e externas.

O caso Rosenberg é, antes de mais, uma represália interna no momento mais alto da guerra fria que "aqueceu" com a guerra da Coreia e que em Hollywood vai encontrar eco na caça às bruxas e nos filmes numa série de panfletos anti-comunistas de que se destacam **Iron Curtain**, de William Wellman, **The House on 92 Street**, de Henry Hathaway, **Pick up on South Street**, de Samuel Fuller, **The Invasion of the Body Snatchers**, de Don Siegel, **I Was a Communist for the FBI**, de Gordon Douglas, **I Married a Communist**, de Robert Stevenson, **Conspirator**, de Victor Saville, etc. O "caso" Sacco e Vanzetti tem início noutra clima de histeria anti-vermelha nascido da Revolução da Outubro e tem início quando a guerra civil na Rússia atingia o auge, em 1921.

Mas a tragédia dos anarquistas Bartolomeo Vanzetti e Niccola Sacco é mais complexa e significativa na medida em que é exemplar das reacções do poder a outras questões internas, a saber, a luta dos trabalhadores pela sua organização sindical através da I.W.W. (Industrial Workers of the World) e a questão da emigração. Mais do que a bandeira da revolução social desfraldada no velho continente, eram as duas últimas questões as que maior peso tiveram nas controversas decisões do poder judicial. A oposição do patronato à sindicalização fazia-se com uma violência inaudita, com repressão, massacres (o de Chicago transformaria o dia 1 de Maio no dos trabalhadores), assassinatos e a prisão dos líderes mais destacados, (Debbs, celebrado por Jack London numa novela, é directamente citado por Vanzetti, e o ponto de partida para o filme de Montaldo é a morte de Salcedo, outro chefe do movimento, numa "misteriosa" queda do 14.º andar da esquadra da polícia). A questão da emigração tinha a mesma gravidade, preparando-se por essa altura medidas que impusessem um limite à entrada de mais gente nos EUA, que seria promulgadas em 1924 com a imposição de quotas restrictas. O emigrante deixara de ser bem-vindo, ultrapassada que fora a última fronteira, e acusavam-nos agora de trazer consigo os germes da instabilidade social, principalmente os italianos que formavam o contingente mais numeroso, vindos de um país em crise económica e social.

Ora o ponto fraco do filme de Giuliano Montaldo é marginalizar estes dois últimos factores (embora sejam apontados), optando quase exclusivamente pela dimensão política. Se esta, evidentemente, engloba as outras, o que parece é que tanto Vanzetti (o mais politizado) como Sacco, foram dois trabalhadores como muitos outros seus iguais apanhados numa engrenagem que quis fazer deles um "exemplo". Montaldo acaba por destacar isto no encontro de Vanzetti com o governador quando lhe diz que "sem ele, teriam morrido como dois trabalhadores anónimos". Apesar de tudo Montaldo consegue dar ao seu filme uma dimensão humana que falta a muitos dos outros que pela mesma altura se fizeram e que de **Z e État de Siège**, de Costa Gavras, a **L'Attentat**, de Yves Boisset formaram um género específico que bem ou mal se chamou "cinema político", em particular graças ao talento dos seus intérpretes, Volonté e Cucciolla, que dão um retrato comovente das duas vítimas.

Manuel Cintra Ferreira